

MERCADO DE TRABALHO / Relatório do IESS aponta resiliência e crescimento contínuo no setor, com hospitais e clínicas a geração de empregos; enfermagem é a especialidade mais demandada

Saúde contrata mais

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O mercado de trabalho na área da saúde no Brasil demonstrou forte dinamismo e capacidade de geração de empregos, mostrou o Relatório do Emprego na Cadeia Produtiva de Saúde, divulgado na semana passada pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS). O levantamento, feito entre dezembro do ano passado e março deste ano, mostrou que os setores público e privado de saúde geraram 34.811 novos postos de trabalho formais no primeiro trimestre de 2025.

O Relatório do *Emprego na Cadeia Produtiva de Saúde* utilizou dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) para medir empregos gerados no setor privado e informações de portais da transparência de municípios, entes federativos e da União para contabilizar oportunidades preenchidas no setor público. “Ao todo, o relatório mostrou que a cadeia da saúde empregou um total de mais de 5 milhões (5.188,268 milhões) de pessoas no país. Esse número representa 10,8% do total de empregados no país”, afirma José Cechin, superintendente executivo do IESS.

Ele destaca que, entre dezembro de 2024 e março de 2025, o emprego na cadeia aumentou 0,7%. Nesse período, o Produto Interno Bruto (PIB) avançou 1,4%. “Na cadeia da saúde, o crescimento foi em um ritmo mais moderado que o da economia geral, mas que ainda assim demonstra a estabilidade e a resiliência do setor”, observa Cechin.

Setor privado

O relatório do IEES mostra que, dos 5,2 milhões de vínculos formais na área da, cerca de 4,2 milhões estão no setor privado. O superintendente também ressalta a diferença no desempenho entre os setores público e privado. “Neste primeiro trimestre de 2025, no setor privado, houve crescimento do emprego em todas as regiões do Brasil. Cresceu 1,1% no primeiro trimestre deste ano. Já no setor público aconteceu o oposto. Houve diminuição do emprego no setor público nesse primeiro trimestre do ano”, com uma retração nacional de 1,2%, detalha.

De acordo com Antônio Brito, diretor executivo da Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp), a resiliência e o avanço nas contratações no setor privado de saúde não são

Freepik



Relatório mostra que a cadeia da saúde empregou mais de cinco milhões de profissionais entre dezembro de 2024 e março deste ano



Neste primeiro trimestre de 2025, no setor privado, houve crescimento do emprego em todas as regiões do Brasil. Cresceu 1,1%”

José Cechin, superintendente executivo do Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS)

novidades. Segundo ele, há uma demanda constante pelos seus serviços oferecidos por hospitais e clínicas. “Essa demanda por serviços de saúde é mantida independentemente da situação econômica”, disse.

José Cechin, por outro lado, aponta uma mudança no comportamento da sociedade brasileira, acentuada pela pandemia de covid-19. “As pessoas prezam por saúde, querem se

cuidar mais, além de ter mais consciência em relação aos cuidados de saúde do que havia 15 anos atrás”, opinou José.

Essa maior valorização da saúde, continua o superintendente do IEES, leva as pessoas a buscarem “mais consultas médicas, mais tratamentos, mais exames e mais serviços de internação”, explica. O aumento na procura por serviços, por sua vez, exige que o setor de saúde tenha de contratar profissionais para suprir essa demanda. “A demanda explica o fato de haver esse impulso nas contratações”, conclui.

Envelhecimento

O último Censo do IBGE (2022) mostrou que o número de pessoas com 65 anos ou mais cresceu 57,4% em 12 anos. Sob a perspectiva de envelhecimento populacional no Brasil, as pessoas tendem a procurar por mais serviços de saúde, argumenta Antônio Brito. “Essa tendência vem fortalecendo um horizonte de que serviços hospitalares precisam ter mais equipes médicas, mais equipamentos e mais instalações”, aponta.

A economista Jéssica Maia, consultora da GO Associados,

corroborar a ideia de que o “envelhecimento populacional aumenta a demanda por cuidados crônicos (de saúde) e também gera incentivos para o aumento de contratações” na área médica.

Além disso, sobretudo no setor privado, considerou José Cohin, “tem a dinâmica de responder às demandas. Se a demanda cresceu, o setor vai empregar”. O mesmo raciocínio, porém, não é aplicado no setor público.

Prestadores de serviço

O relatório produzido pelo IEES também destaca que as maiores gerações de empregos abrangem os “prestadores de serviços” na área de saúde. Essa lista inclui hospitais, clínicas, laboratórios, consultórios médicos, entre outros. A economista Jéssica Maia frisa que “os prestadores de serviço responderam por 127.372 vagas nesse período, concentrando quase 75% do total de empregos” criados na cadeia privada.

Segundo Antônio Brito, “56% dos hospitais da ANAHP estão conseguindo executar os seus projetos de expansão no ano de 2025”. Isso implica na construção de “mais

leitos, com mais serviços e com mais funcionários”.

Enfermagem

Antônio Brito destaca que as áreas que mais demandam contratações em clínicas e hospitais são as profissões de técnico e graduados em enfermagem. “Cada cama leito novo, acima e antes de tudo exige equipes de enfermagem”, classificou. Embora outras áreas de apoio hospitalar também demandem contratações, a enfermagem é a primeira e maior necessidade.

A economista Jéssica Maia complementa que o Brasil ainda possui um número de médicos e enfermeiros por habitante abaixo da média de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o que “reforça a necessidade de expansão da força de trabalho”.

“Em 2019, o Brasil apresentava cerca de 2,3 médicos e de 7,4 enfermeiros por mil habitantes, respectivamente, abaixo da média dos países membros da OCDE (3,6 e 8,8, respectivamente), reforçando a necessidade de expansão da força de trabalho para a melhoria dos serviços assistenciais prestados”, comenta.

FÓRUM

Colômbia entra para o Banco do Brics

A Colômbia anunciou, ontem, que aderiu oficialmente ao Novo Banco de Desenvolvimento (NDB, na sigla em inglês), conhecido como o Banco do Brics. A instituição foi fundada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul em 2015.

“Essa adesão abre novas oportunidades de financiamento para projetos estratégicos, e é um passo fundamental para diversificar alianças e fortalecer a economia do país”, afirmou a conta oficial da Presidência da Colômbia no X (antigo Twitter).

O presidente colombiano, Gustavo Petro, havia solicitado adesão ao NDB em maio, durante uma visita à China, na qual se reuniu com a presidente da instituição, a ex-presidente brasileira Dilma Rousseff.

Na ocasião, Petro disse a jornalistas que a Colômbia tinha o compromisso de comprar US\$ 512 milhões em ações do banco. Ele também afirmou que estava animado com a possibilidade de garantir o apoio do NDB à construção de um canal ou ferrovia de 120 quilômetros conectando as costas atlântica e pacífica do país.

Ao ingressar no Banco do Brics, a Colômbia passa a ter acesso a recursos e empréstimos para projetos nacionais sem ser membro ou ter direito a voto nas cúpulas do bloco.

Multilateralismo

A decisão de Petro de pleitear a entrada na instituição financeira de fomento ocorre a partir da guerra comercial travada por Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, seu principal parceiro comercial. A relação entre os dois países tem sido marcada por conflitos causados, principalmente, pela política tarifária norte americana e, também, pela deportação de migrantes.

Ao comemorar a adesão do país, a ministra das Relações Exteriores da Colômbia, Laura Sarabia, comentou, também na rede X, que a notícia “amplia o horizonte da Colômbia”.

Por ora, o governo colombiano não pretende entrar para o bloco econômico, mantendo-se apenas como integrante do banco. No entanto, já há pressões no país para que Petro vá além. O deputado colombiano David Alejandro Toro Ramírez, presidente da Comissão de Relações Internacionais da Câmara dos Representantes, em entrevista à agência Sputnik defendeu a adesão plena ao Brics. “Temos que estar cegos para não enxergar a oportunidade de nos abirmos a esse novo bloco. Já demos o primeiro passo. O próximo, embora dependa do presidente da República, deve ser solicitar formalmente o ingresso no BRICS”, disse o parlamentar.

Segundo Toro Ramírez, existe hoje uma dependência excessiva da Colômbia aos Estados Unidos limita, o que impede o desenvolvimento do país sul-americano. “A maioria dos países aposta em relações multilaterais, mas a Colômbia continua dependente de poucos atores. Não se trata de romper com os EUA, nosso principal parceiro comercial, mas sim de abrir novos espaços de negociação — e blocos como o Brics representam isso”, afirmou.

Durante o Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo (SPIEF), na Rússia — que começou no dia 18 e termina amanhã — a presidente Dilma Rousseff confirmou a oficialização da Colômbia na instituição.

A Colômbia se torna o sexto país a aderir ao NDB. Em 2021, Bangladesh, Emirados Árabes Unidos e Uruguai passaram a fazer parte do banco. Depois, Egito (2023) e Algeria (2024) também aderiram.

O Banco do Brics financia projetos sustentáveis e de infraestrutura em economias emergentes.

GRIFE AVIÁRIA

Países começam a abrir mercados para o frango

» ISRAEL MEDEIROS

Depois de se declarar livre da gripe aviária, o Brasil agora tem outro desafio: reverter as restrições impostas pelos principais compradores de carne de frango do país. A África do Sul foi um dos primeiros países a flexibilizar as restrições ao frango brasileiro, ainda na quarta-feira.

O país africano diminuiu a restrição da importação de carne de todo o país, limitando-a apenas ao Rio Grande do Sul, onde as autoridades identificaram o único caso da doença em uma granja comercial em território nacional. Trata-se de um dos principais destinos de frango produzido no Brasil. Em 2024, 6,3% de toda a produção (equivalente a 325 mil toneladas) foi para lá. Já o Rio Grande do Sul, por sua vez, concentra parcela importante da produção nacional de frango, sendo responsável por 11,52% dos abates no ano passado. Os dados são do anuário da Associação Brasileira de Proteína Animal (Abpa) divulgado neste ano. Os prejuízos dos produtores no estado pela interrupção das exportações ultrapassaram os US\$ 47,8 milhões, segundo a Organização Avícola do Rio Grande do Sul.

Outros países, no entanto, ainda

não reabriram para as aves brasileiras, apesar de o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) ter notificado diretamente os compradores, para restabelecer o comércio. O Brasil produziu, no ano passado, 14,9 milhões de toneladas de frango, sendo que 35,4% (5,3 milhões de toneladas) foi destinada ao mercado externo, o que manteve o Brasil na posição de maior exportador do mundo.

Os principais destinos das exportações brasileiras de frango são China, com 562.208 toneladas (10,9% do total); os Emirados Árabes Unidos, com 455.121 toneladas (8,81%); o Japão, com 443.202 toneladas (8,58%); a Arábia Saudita, com 370.800 toneladas (7,18%) e a África do Sul.

Segundo o MAPA, o Brasil já concluiu todas as ações sanitárias exigidas, o que coloca o país novamente no status de livre da doença. O processo de notificação à Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) é feito pela Secretaria de Defesa Agropecuária, que integra a pasta. “É preciso reconhecer a robustez do nosso sistema sanitário, que respondeu com total transparência e eficiência. Seguimos todos os protocolos, controlamos o foco e agora avançamos com responsabilidade para uma

Ed Alves CB/DA Press



Carlos Favaro comunicou que o país cumpriu todas as ações exigidas

retomada gradativa do comércio exterior”, disse o ministro Carlos Favaro, da Agricultura e Pecuária, na quarta.

O chamado período de vazio sanitário — um período de 28 dias — começou em 22 de maio, depois da desinfecção da granja em Montenegro (RS) onde o caso de gripe aviária foi detectado em 16 de maio. Sem novos casos em granjas

comerciais, o Brasil pôde se declarar livre da doença. Isso não quer dizer, no entanto, que o vírus tenha sido contido entre aves silvestres, onde há circulação confirmada desde maio de 2023.

O Zoológico de Brasília, por exemplo, está fechado desde 12 de junho depois do registro de casos em aves, que precisaram ser sacrificadas. Ao todo, segundo o

MAPA, foram 168 casos de gripe aviária confirmados em aves silvestres desde 2023. O ministério já realizou 4.214 investigações.

Doença

Com o fim do período de vazio sanitário, teve início a etapa de notificação, pelo ministério, dos países que impuseram restrições temporárias às exportações brasileiras de produtos avícolas. Não há prazo protocolar para a retomada das compras. Mas a expectativa do MAPA é de que as relações comerciais sejam restabelecidas “o mais rápido possível”.

A influenza aviária, comumente conhecida como gripe aviária, afeta principalmente aves, mas também foi detectada em mamíferos, incluindo bovinos.

A transmissão ocorre pelo contato com aves doentes e também por meio da água e de materiais contaminados. A doença raramente afeta humanos, e a orientação é que as pessoas se mantenham informadas e adotem as medidas preventivas recomendadas.

Segundo o Ministério da Agricultura, carnes e ovos podem ser consumidos com segurança, desde que preparados adequadamente. **(Com Agência Brasil)**